

**LER E BRINCAR NA ESCOLA: UMA COMBINAÇÃO POSSÍVEL PARA
FORMAR LEITORES**

Renata Cavalcanti Eichenberg¹

RESUMO

O presente trabalho consiste na descrição de um método de ensino de leitura da literatura, aplicado em alunos de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental do Colégio Marista Champagnat, com dificuldades de leitura e escrita, através do projeto de pesquisa intitulado “Oficinas de Leitura da Literatura Champagnat”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em vigor desde 2002. O método baseia-se na hermenêutica de Paul Ricoeur, relacionada à cognição infantil e ao ludismo. Com base nos resultados obtidos através dos instrumentos de análise empregados e das produções textuais dos alunos, constatou-se a eficiência do método no que tange a despertar o gosto pela leitura e a formar leitores, pois se apresenta em simetria com o universo infantil, convidando a criança a brincar com o livro e, assim, dele extrair momentos de prazer e descobertas sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca. Dessa forma, os resultados alcançados também evidenciam a importância da leitura para o amadurecimento infantil, uma vez que demonstram (quando despertado) o interesse dos pequenos, o enriquecimento do seu universo interior e, conseqüentemente, o alargamento de suas vivências e de seus conhecimentos.

Palavras-chave: Leitura. Literatura infantil. Metodologia de ensino.

Todo pacto de leitura, em especial de leitura literária, depende do despertar da curiosidade, do encantamento, do prazer. Caso contrário, o leitor abandona o livro, rompendo a parceria que tentou estabelecer. A apreciação da literatura resulta, assim, da satisfação em desvelá-la que, por sua vez, só é ativada pelo sujeito que lê a partir da sua identificação com o texto. Voltando-se especificamente para a criança, tal identificação deriva, inicialmente, do respeito, por parte do escritor, à natureza peculiar infantil. Para que

o pequeno se identifique, se envolva e interaja com a história, essa tem que estar adaptada aos seus interesses.

A simetria necessária entre obra e leitor mirim já vem sendo defendida, estudada e divulgada por teóricos da área. Contudo, no que tange ao oferecimento e ao trabalho com o livro infantil em sala de aula, tal simetria é, muitas vezes, esquecida pelas escolas. Como resultado, mesmo oportunizando aos alunos uma obra possível de identificação e, por conseguinte, prazerosa e emancipatória, o professor peca ao relacioná-la a ações de releitura limitantes, fechadas no sentido latente do texto, quando não destinadas ao aprendizado da Língua Portuguesa, entre outras disciplinas. O livro é, desse modo, afastado do deleite e aproximado do dever e da obrigatoriedade, privando a criança da chance de descobrir o prazer de brincar de ler.

Como resultado da conciliação entre a necessidade de um estudo planejado, segundo a especificidade da literatura infantil e a importância do elemento lúdico como instaurador de uma relação saudável entre o leitor e o livro e entre o aluno e o professor, o presente trabalho apresenta um método de ensino de leitura da literatura intitulado “Brincar de ler”.

Destinado às séries iniciais do Ensino Fundamental, preferencialmente às 3ª e 4ª séries, ele vem sendo aplicado em alunos com dificuldades de leitura e escrita do Colégio Marista Champagnat, em Porto Alegre, desde o segundo semestre de 2002, por meio do projeto de pesquisa “Oficinas de Leitura no CLIC: a formação de educadores para formar leitores”, focado no subprojeto “Oficinas de Leitura da Literatura Champagnat”, desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). As sessões de aplicação do método, com duração de 1h30min, ocorrem uma vez por semana, no turno inverso ao de estudo, durante todo o ano letivo, sem custo algum para os participantes.

De acordo com Paul Ricoeur, o leitor, para alcançar o prazer da leitura, necessita ter capacidade para interpretá-la. Nesse sentido, é pela a hermenêutica defendida por esse filósofo que o método em questão se baseia, uma vez que a leitura do gênero infantil deve ser condicionada não apenas pela criança, mas também pela literariedade da obra, garantida a partir de sua adequação a esse particular destinatário, de modo a permitir sua participação no ato de leitura. Ciência da interpretação, a hermenêutica consiste na capacidade de

compreender, de traduzir e de relacionar claramente os signos lingüísticos, de maneira a revelar seus sentidos. Valendo-se de noções do existencialismo, da fenomenologia, do estruturalismo e da psicanálise, Ricoeur desenvolve um novo conceito dessa ciência, que amplia os estudos hermenêuticos anteriormente realizados, uma vez que defende o texto como caminho ideal para a interioridade humana, através da interpretação.

Ler e interpretar uma história oportunizam a abertura de um mundo singular pronto para interagir com o mundo do leitor. Para Paul Ricoeur, somente no confronto do mundo do texto com o mundo de quem lê, a obra literária adquire uma significação no sentido pleno do termo, na intersecção do universo lançado pelo texto e da realidade de vida do destinatário. Por meio da recepção e do cruzamento entre as vivências ficcional e real, projeta-se ao leitor uma narrativa que, segundo o filósofo, é resultante de uma transcendência imanente ao texto, ou seja, ela só se concretiza mediante o ato de leitura. Portanto, o indivíduo se lê no texto e não apenas o lê. Tal condição está atrelada ao caráter fundamental da literatura, definido por Nelly Novaes Coelho como a capacidade de:

traduzir verdades individuais, de tal maneira integradas na verdade geral e abrangente, que a forma representativa escolhida, mesmo perdendo, com o tempo, o motivo particular que a gerou, continua falando aos homens por outros motivos, também verdadeiros, no momento em que surgem. (COELHO, 2000, p.45)

Daí a necessidade primeira, no ato de leitura, da compreensão da obra pelo receptor. Compreender, como registra Ricoeur, não passa, inicialmente, de uma conjectura: “no ato de ler, está implícito um tipo específico de unilateralidade. Tal unilateralidade fundamenta o caráter conjectural inicial da interpretação”. (RICOEUR, 1976, p. 89) Entretanto, ao final do ato interpretativo, a compreensão, mediante a elucidação da composição textual, transforma-se numa validação de sentido. Dessa maneira, conjectura e validação encontram-se, como afirma o filósofo, relacionadas circularmente, enquanto abordagem subjetiva e objetiva do texto, a partir da relação dialética entre o seu sentido, objeto da compreensão, e a sua composição, objeto da explicação.

No entanto, a compreensão depende, antes de tudo, da condição de distanciamento entre obra e leitor para encetar o processo hermenêutico. No caso da literatura infantil, esse

fator é agravado pela distância natural existente e imutável entre o autor adulto e o leitor criança. Ao contrário do que ocorre entre o contexto de produção do livro e o momento posterior de leitura, essa distância, peculiar ao gênero infantil, é determinante para a desqualificação do mesmo quando não superada durante a criação da obra. Cabe ao escritor, por entre a adaptação, quebrar a assimetria que o separa de seu destinatário, oferecendo-lhe textos adequados a sua forma específica de apreender o mundo. Só de posse de uma obra literária adaptada ao seu processamento cognitivo o pequeno passa a se interessar pela leitura, apto, por conseguinte, a compreendê-la, de forma a transformar a conjectura inicial que dela surge em sentido próprio, validando-a.

Quebrando a assimetria entre o emissor adulto e o receptor criança, o escritor vai, enfim, permitir que o seu leitor avance no ato de leitura, excedendo o primeiro momento da compreensão, como indica Ricoeur, para atingir o segundo estágio, da interpretação da obra enquanto discurso aplicado na escrita. Nesse, tratando-se de literatura, o sujeito que lê se depara com uma situação sempre inédita, construída a partir de diferentes autonomias: autonomia semântica, em que a dialogia própria do discurso oral é substituída pelo discurso como obra, caracterizado pela composição, pelo gênero e pela elaboração de um estilo individual, próprio do autor; autonomia do texto com relação ao seu escritor, mediante o distanciamento que se instaura entre eles; autonomia do texto em relação ao público, que no discurso escrito passa a ser um número indefinido de leitores e suas respectivas interpretações singulares em um período de tempo indeterminado. Tais autonomias, já aproximadas do leitor através da compreensão, motivam-no a reflexões mais ousadas, que extrapolam a linearidade e a mera seqüência de fatos, revelando-lhe conflitos a serem absorvidos e solucionados em particular.

No que tange à obra infantil, a autonomia do texto com relação ao seu público, já definido, está diretamente atrelada às demais autonomias (semântica e entre autor e obra). Não havendo superação entre a distância etária que separa autor e leitor, as autonomias ficam comprometidas. Em lugar de uma literatura emancipatória, tem-se um texto normativo, preso ao pedagogismo vigente ao contexto de produção. Desse modo, na obra que rompe com o normativo, o leitor mirim encontra liberdade para interpretá-la, após compreendê-la. O discurso monológico, próprio de uma só voz, a do narrador, ao ser

dissipado, é substituído pelo diálogo entre narrador e leitor, permitindo o entrecruzamento dessas duas vozes, acrescidas de muitas outras a que o texto pode dar espaço.

Assim, nessa possibilidade de autoconhecimento e conhecimento de mundo proporcionado pela literatura, dá-se o terceiro e último momento do ato de leitura, a apropriação, segundo Paul Ricoeur. Cabe ao leitor, por meio da interpretação enquanto leitura pós-compreensão, a tarefa de recontextualizar a obra literária de forma a, finalmente, apropriar-se dela. Nas palavras de Ricoeur:

Aquilo de que eu, finalmente, me aproprio, é uma proposta do mundo; está não *atrás* do texto, como estaria uma intenção encoberta, mas diante dele como aquilo que a obra desenvolve, descobre, revela. A partir daí, compreender é *compreender-se diante do texto*. Não impor ao texto a sua própria capacidade finita de compreender, mas expor-se ao texto e receber dele um si mais vasto que seria a proposta da existência, respondendo da maneira mais apropriada à proposta do mundo. (RICOEUR, 1989, p.124)

Diante de uma obra emancipatória e simétrica ao seu pensamento e a sua maneira peculiar de enxergar o universo, o leitor mirim efetiva o ato de leitura, apropriando-se do texto e, por conseguinte, realizando descobertas de si e do mundo que o circunda. Como enfatiza Vera Teixeira de Aguiar, “quando se compromete com as necessidades e os interesses de seu destinatário, o texto infantil transforma-se num meio de acesso à realidade e facilita a ordenação das experiências existenciais do sujeito”. (AGUIAR, 2001, p.77)

Dessa maneira, a obra literária deve exigir um leitor reconfigurador dos mundos possíveis que ela pode oferecer, de modo que a totalidade dos sentidos não esteja contida somente no texto. De posse de sua capacidade imaginativa, o receptor atualiza, de acordo com Ricoeur, “as potenciais referências não ostensivas do texto numa nova situação” (RICOEUR, 1976, p. 92), relacionada com a sua própria experiência de vida. Daí por que o ato de leitura, segundo o filósofo, é composto por três momentos distintos, porém interligados: a compreensão, possível a partir da adequação da obra ao leitor, a interpretação e a apropriação do texto pelo sujeito que o lê.

Diante da missão de formar leitores, o dever do professor recai, então, sobre a tarefa de envolver o pequeno com obras infantis realmente literárias, ou seja, emancipatórias, permitindo-lhe o contato com novos mundos possíveis. Por meio da compreensão da

história, significados até então inéditos, porém que respondem, direta ou indiretamente, aos interesses do leitor mirim, são por ele interpretados e, finalmente, apropriados e aplicados no universo em que se encontra inserido, garantindo-lhe ações também emancipatórias.

Tal inicialização pode ser estimulada através da aproximação entre os atos de ler e de brincar, uma vez que esse último é familiar e atraente ao olhar infantil. Sob essa perspectiva, a obra literária infantil e o brinquedo são tidos como estímulos significativos para a evolução da imaginação e, conseqüentemente, do desenvolvimento da criança. Assim, por intermédio do ludismo, o interesse dela pelo livro literário tem mais chances de ser despertado, pois esse passa a ser visto como um convite para brincar, ou seja, como um convite para ingressar no plano da fantasia, onde a representação e a recriação ganham a vez. Brincando de ler, o leitor mirim ressignifica a cultura dominante, vivenciando novas experiências a ponto de entender e representar o mundo ao passo que constrói sua identidade pessoal.

Nesse sentido, a aplicação do método “Brincar de ler” prima pelo incentivo à leitura acompanhada de prazer, de descoberta, de envolvimento, de encantamento, jamais de dever ou de obrigação. Para tanto, a hermenêutica de Paul Ricoeur, após ser focada em um leitor em especial e, portanto, ligada ao ludismo, é estendida para além da leitura propriamente dita, resultando nas cinco etapas que compõem o método.

A primeira, denominada de “Estímulo lúdico”, compreende o momento de ingresso do aluno no universo fictício oferecido pelo livro literário. Jogos interpretativos e criativos, geralmente em grupo, são realizados de modo a promover descontração, interação e, finalmente, atração da atenção de todos para a leitura. O estímulo lúdico corresponde ao momento inicial da compreensão, imprescindível para a consolidação do ato de ler ricoeuriano. Mergulhar ludicamente no ambiente ficcional a ser proposto pelo livro literário transpõe o pequeno para uma nova representação do real, predispondo-o à leitura.

A segunda etapa do método constitui o momento de leitura propriamente dita da obra literária infantil. Em roda, em pequenos grupos ou individual e silenciosa, a leitura do texto é realizada pelos alunos juntamente com as professoras, numa relação de igualdade. Nessa fase, os sentidos conjecturais apreendidos durante o estímulo lúdico são experimentados e expandidos pela criança que, dessa maneira, alcança a compreensão do texto. O momento

de leitura da obra transfere, então, o ludismo das atividades anteriormente praticadas para o universo narrativo e/ou poético, ligando-o diretamente ao brinquedo. Tal relação propicia maior capacidade de interpretação, por parte do leitor mirim, uma vez que o contexto em que se encontra para iniciar sua imersão literária é familiar à sua natureza.

Após essa etapa, tem-se a “Reflexão sobre a leitura”. Nessa fase, professoras e alunos comentam espontaneamente a história, focando o tema central e sua relação direta ou não com o mundo real e as experiências individuais de cada um. O caráter descontraído dessa etapa, na qual o pequeno tem a liberdade de tecer ou não comentários a respeito, mantém a essência lúdica do método. Envolvido por uma espécie de conversa informal, o aluno sente-se confortável para expor suas idéias perante a obra lida. De acordo com a teoria de Ricoeur, a reflexão sobre a leitura surge como maneira eficaz para o leitor não apenas compreender, mas interpretar o texto, pois esse momento se traduz num estímulo significativo para o estabelecimento, por parte da criança, de relações entre o mundo do texto e o seu próprio mundo.

A quarta etapa do método constitui a “Atividade criativa”. Partindo do tema da obra lida, os alunos são convidados a realizar tarefas de releitura da história, porém sempre mediante propostas lúdicas e criativas, geralmente textuais e individuais. Sendo criativa, essa atividade dá seguimento ao caráter transformador da arte literária, pretendendo, antes de tudo, a emancipação do sujeito. Através, então, de atividades lúdicas e criativas, o presente método objetiva unir os atos de leitura e escrita, concebendo esse último como meio propulsor para a concretização do primeiro, como revelador dos processos internos de compreensão, interpretação e apropriação do texto. Criando em cima daquilo que compreendeu e interpretou, o escolar torna-se mais propício a assimilar significados próprios do texto lido, aumentando o conhecimento de si e da realidade circundante. Tratando-se, porém, de crianças com dificuldade de leitura e escrita, após finalizarem suas produções, elas são atendidas individualmente pelas professoras, geralmente duas, que induzem-nas à percepção dos possíveis erros de ordem estrutural apresentados, de modo que elas mesmas, como autoras de seus textos, se autocorrijam.

Finalmente, chega-se à quinta e última etapa do método, a do “Desfecho lúdico”. Nessa fase, os alunos têm a oportunidade de divulgar e socializar seus trabalhos, ou seja,

suas apropriações singulares dos sentidos do texto. Entretanto, no que tange ao público infantil, tal socialização deve ser concebida ludicamente, visando à interação saudável entre as crianças e à apreciação de suas criações de forma enriquecedora.

Assim, ao brincar de ler, vencendo as cinco etapas previstas pelo método em questão, os participantes mesclam constantemente fantasia e realidade, de maneira a descobrir sua própria identidade. Daí a importância das unidades temáticas progressivas que acompanham o método. Focadas no tema “Quem sou eu?”, ou seja, na descoberta de si e do mundo por meio da leitura literária, as sessões semanais, realizadas sob forma de oficinas, partem de questões internas, como segredos, gostos, problemas, medos, para gradativamente atingirem o meio exterior, por entre temas como família, amizade, escola e sociedade. À medida que brincam com histórias que obedecem simbolicamente tal progressão temática, novos conhecimentos são apropriados e repensados livremente pelas crianças. Isso, de fato, não apenas lhes incita o gosto pela leitura como intensifica as conseqüências dessa brincadeira na infância, desenvolvendo o seu intelecto, a sua criatividade e a sua capacidade de expressão dos sentimentos.

Procurando mensurar as possíveis conquistas alcançadas mediante a aplicação do método, a presente pesquisa dá conta da descrição e da análise dos resultados obtidos através das produções textuais de cada aluno, oriundas da etapa da atividade criativa, e dos instrumentos de análise empregados, que compreendem a atividade inicial e a atividade final - produções textuais livres a partir do título “Quem sou eu?”, realizadas, respectivamente, na primeira e última sessões de aplicação do método, quando da unidade temática da identidade - e os registros diários, contendo informações relevantes de cada sessão, como número de participantes, tema trabalhado, objetivos, atividades desenvolvidas, recursos, reação das crianças e impressão pessoal das professoras.

A análise e a interpretação dos resultados alcançados à luz das teorias escolhidas para fundamentar o método indicam sua eficiência no que tange a despertar o gosto pela leitura e a formar leitores, uma vez que ele se apresenta simétrico à natureza infantil, convidando a criança a brincar com o livro e, assim, dele extrair momentos de prazer e descobertas sobre si e o mundo ao redor. Desse modo, os resultados também evidenciam a importância da leitura para o amadurecimento infantil, pois demonstram, quando ativado o

interesse do pequeno, o enriquecimento do seu universo interior e, conseqüentemente, o alargamento de suas vivências e de seus conhecimentos.

Ao transpor para o papel suas conquistas adquiridas no plano da ficção, o leitor mirim adapta e sintetiza os sentidos apropriados do texto para a sua própria realidade, através de um processo ativo de interpretação de mundos, sejam mundos reais ou imaginativos, transformando-os em peculiares relações de subjetivação marcadas justamente pela possibilidade de autoria e de releitura de si mesmo.

READ AND PLAY AT SCHOOL: A POSSIBLE COMBINATION TO FORM READERS

ABSTRACT

The present work is a description of a method for teaching the reading of Literature to children. More specifically it is the description of the method applied to students with limited reading and writing proficiency from the 3rd and 4th grade of Colégio Marista Champagnat (Saint Marcellin Champagnat School). Such method is part of a research project entitled “Oficinas de Leitura da Literatura Champagnat” linked to the Graduate Program of Letters of PUCRS at work since 2002. The theoretical support that sustains the research is the reading of children’s literature within Paul Ricoeur’s hermeneutics frame, children’s cognition and ludism. The results obtained through the applied instruments of analysis and the student’s textual productions shown that the method is efficient in terms of the awakening of the child to the pleasure of reading thus constituting an important tool for the formation of readers. Its success is also due to its capacity of being symmetric to the children’s universe; the child is invited to play with the book thus enabling him to have a leisure time as well as to make discoveries not only about himself but his world. The results also show the importance of reading as a way of ensuring the child’s development because

they demonstrated that at the moment the child is interested in reading, he become to enhance his quality of life in terms of knowledge and his inner self.

Keywords: Reading: Children's literature. Teaching methodology.

NOTAS

¹ Doutoranda Letras / PUCRS. E-mail: renata@brturbo.com.br

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 7.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés, 1989.

RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação*. Lisboa: 70, 1976.